

EPIDEMIOLOGIA DOS AGRAVOS À SAÚDE DA MULHER. Aldrighi JM, Buchalla CM, Cardoso MRA, organizadores. São Paulo: Editora Atheneu; 2005. 319 pp.

ISBN: 85-737-9716-9

O livro *Epidemiologia dos Agravos à Saúde da Mulher* contribuiu para organizar e divulgar informações atualizadas sobre a saúde feminina, que se encontram dispersas em artigos científicos e livros textos nacionais e internacionais. Os editores e os colaboradores se constituem num conjunto de profissionais da área acadêmica e clínica, com produção científica e de competência técnica reconhecidas.

O livro é composto por trinta capítulos, divididos numa primeira parte intitulada *Epidemiologia*, na qual são resumidos em três capítulos elaborados pelas professoras Cássia M. Buchalla & Maria Helena Alves Cardoso os conceitos básicos sobre medidas de frequência e de efeito, principais desenhos de estudos epidemiológicos e análise de dados; na segunda parte, intitulada *Clínica*, são apresentados vários temas importantes relacionados à saúde da mulher, sendo dado um enfoque especial aos aspectos clínico-epidemiológicos relacionados ao câncer para o qual foram dedicados dez capítulos, seis deles associados ao sistema reprodutivo feminino.

O primeiro capítulo da parte *Clínica* (capítulo 4) apresenta o perfil de morbimortalidade da população feminina brasileira, os professores Rui Laurenti & José Mendes Aldrighi chamam a atenção para a importância do entendimento das questões relacionadas à saúde da mulher numa perspectiva de gênero, isto é, o ser mulher (assim como, ser homem) é uma “*construção social, a partir das diferenças entre sexos, que varia historicamente e está sujeita a mudanças por intervenções de políticas na ordem social, econômica, jurídica e política*”. Portanto, esses papéis socialmente definidos têm conseqüências diretas na saúde e no adoecimento da população.

Para os anos de 1999/2000, são apontadas como principais causas de mortalidade feminina as doenças do aparelho circulatório (31%) e as neoplasias (14%), a partir de dados oficiais que apresentam elevado percentual de causas mal definidas (15,8%). Se for considerada apenas a faixa de 10-49 anos e causas específicas de morte, uma investigação realizada pelo Centro Brasileiro de Classificação de Doenças em 2002, observou que o acidente vascular cerebral, a AIDS e os homicídios foram as causas de maior destaque. Quanto à morbidade, obtida a partir de inquéritos, identificou-se que hipertensão arterial, diabetes, neoplasias, osteoporose e doenças reumáticas foram as mais prevalentes.

Informações relevantes sobre as neoplasias do aparelho genital feminino (mama, colo de útero, ovário, endométrio, vulva e vagina, neoplasia do pulmão, colorretal e de pele e hereditariedade do câncer) são descritas nos capítulos 5-13 e 29. A maior parte desses

capítulos apresenta revisões realizadas de forma sistemática com referências atualizadas sobre o assunto, com ênfase nas medidas de incidência e prevalência das doenças e nos seus fatores de risco. Dentro dessa abordagem clínico-epidemiológica, destaca-se o capítulo referente ao câncer de mama, provavelmente por ser uma das principais causas de morte em mulheres.

Os capítulos seguintes (14 ao 18) abordam temas que vêm ganhando mais interesse e com que se deparam principalmente os profissionais da área de ginecologia. As discussões incluem desde medidas de frequência e fatores de risco até medidas terapêuticas. São eles: endometriose, tensão pré-menstrual, menopausa, moléstia inflamatória pélvica, infertilidade conjugal.

No capítulo 19, os autores (José Mendes Aldrighi & Antônio de Pádua Mansur) apresentam dados sobre mortalidade no Brasil, nas suas regiões geográficas e em alguns estados brasileiros devido a doenças circulatórias, por meio da análise dos seus mais importantes subgrupos – as doenças isquêmicas do coração e as doenças cerebrovasculares. Observam que “*apesar de as doenças circulatórias terem sido as principais causas de morte de homens e mulheres da população brasileira, com maior participação das doenças cerebrovasculares na mortalidade por doenças circulatórias, vem sendo observada uma tendência decrescente do risco de morte*”. Nesse capítulo também são referidos os fatores de risco para doença isquêmica do coração, dentre os quais se destacam a idade, a hipertensão arterial, o tabagismo, a dislipidemia, a diabetes, obesidade e antecedentes familiares.

Rosa Maria R. M. Pereira & Jussara de A. L. Kochen referem, no capítulo 20, a inexistência de estudos de abrangência nacional que estime a prevalência da osteoporose, apesar da magnitude observada em mulheres de outros países e da sua identificação como fator de risco para fraturas de quadril, vértebras que possuem alta morbidade e mortalidade associadas, principalmente na população acima de cinquenta anos.

No capítulo 23, discute-se o caráter epidêmico da obesidade e o sobrepeso na população brasileira, o seu reconhecimento como um problema de saúde pública, sendo o Brasil o sexto lugar na classificação de países com maior número de obesos. Além disso, abordam-se os fatores que contribuíram para o desenvolvimento da obesidade e as suas repercussões na saúde.

Um dos aspectos mais interessantes e originais deste livro pode ser considerado na abordagem de temas que estão relacionados aos transtornos mentais nas diferentes fases de vida da mulher e o seu impacto sobre a saúde e sobre a qualidade de vida (capítulos 21, 26, 27 e 28). É relatada a maior vulnerabilidade das mulheres à ansiedade e à depressão. Também se destacam na população feminina a prevalência da esquizofrenia, do transtorno afetivo bipolar, do tabagismo e do abuso de álcool e de drogas ilícitas, sendo que alguns destes se constituem como fatores de risco para várias doenças. Os autores chamam a atenção para o fato de a vio-

lência contra a mulher aumentar a chance de comprometimento de sua saúde física e mental.

Como é comentado em diferentes capítulos, o aumento da expectativa de vida da população brasileira, particularmente entre as mulheres, traz um aumento da prevalência de doenças crônicas degenerativas, dentre elas a doença de Alzheimer (capítulo 24). Os autores identificam a situação socioeconômica dos idosos como uma preocupação em relação ao agravamento das condições de saúde. São apresentados dados de incidência e prevalência de estudos realizados em população brasileira. A idade, fatores genéticos e ambientais são considerados como associados positivamente ao risco de doença, enquanto a maior escolaridade e o uso de antiinflamatórios seriam fatores protetores. No capítulo 25, são discutidos diferentes aspectos relacionados à enxaqueca, uma afecção crônica que gera incapacidade e que atinge duas vezes mais as mulheres.

Há ainda um capítulo sobre saúde bucal (capítulo 22) que visa a “discutir os principais fatores epidemiológicos que influenciam a saúde bucal e sua relação com condições sistêmicas”.

No seu conjunto, o conteúdo deste livre rompe os limites da saúde reprodutiva ou da saúde feminina no climatério, para alcançar uma visão mais abrangente e multidisciplinar da saúde da mulher, incorporando temas como obesidade, enxaqueca, doença de Alzheimer, uso de drogas e transtornos mentais. Porém neste livro, a síndrome de imunodeficiência adquirida, violência doméstica, as causas externas de morbimortalidade, assim como diabetes mellitus e a hipertensão arterial não mereceram capítulos específicos.

Mas, como se pode observar, a amplitude de temas selecionados reflete diferentes aspectos que devem ser levados em conta em uma assistência integral à mulher, assim como possibilita o conhecimento do quadro de saúde da população feminina para aqueles que atuam na saúde pública e têm como objetivo o planejamento de uma assistência baseada nos princípios da integralidade.

Ao final da leitura do livro, o leitor terá acesso ao estado atual da produção científica e das lacunas ainda existentes sobre temas. Essas informações são importantes para a formação de estudantes de medicina, profissionais de saúde e alunos de pós-graduação interessados em obter conhecimento sobre a Epidemiologia dos agravos à saúde da mulher.

Kátia Silveira da Silva
Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz,
Rio de Janeiro, Brasil.

NO NAME FEVER: AIDS IN THE AGE OF GLOBALIZATION. Follér M-L, Thörn H, editors. Lund/Göteborg: Studentlitteratur/Museum of World Culture/Göteborg University; 2005.

ISBN: 91-440-3684-1

No início da década de 1980, quando os primeiros casos de AIDS foram identificados, poucas pessoas imaginaram que esta doença poderia se expandir da forma que fez. Contudo, alguns anos após a identificação do seu agente causal, o HIV, ficou claro que ela caminhava para estar presente em todo o planeta. Tal fato estimulou a produção de livros que buscavam abordar as suas manifestações em distintos países, sendo emblemático dentre eles aquele organizado por Jonhatahn Mann et al.¹, intitulado no Brasil de *A AIDS no Mundo*. Tal livro, que abriu caminho para a constituição de um tipo de tradição literária no campo dos estudos sobre essa doença, foi seguido de vários outros escritos semelhantes em escopo. A coletânea aqui examinada dá seguimento a tal tradição. O faz, contudo, a partir de um campo teórico no qual a idéia de mundialização da AIDS é substituída pela análise, mais refinada, das suas relações com o processo de globalização. Tais relações constituem o tema central dos seus quatro primeiros capítulos.

Em um deles, Tony Barnett refere-se à globalização como um processo amplo (e nem tão recente) que envolve, dentre outros elementos, a criação de vastas redes financeiras, mobilidade de pessoas e grupos, trocas culturais e questões ambientais. Ao mesmo tempo, ele indaga se esse processo pode ser associado somente a desenvolvimento e bem-estar, uma vez que a globalização também envolve “*aumento da pobreza, redução do tempo média de vida dos mais pobres (...) e perda de diversidade, particularmente a diversidade de idéias e tradições*” (p. 45). Além disso, ele afirma que a globalização, ao gerar concentração de recursos, não favorece a cooperação internacional no enfrentamento das epidemias, como bem evidencia o isolamento de diversos países africanos nos seus esforços de atenção às vítimas da AIDS. Os outros três textos que tratam da globalização acompanham essa linha de argumentação. Dentre eles, tanto o de Maj-Lis Follér & Hakan Thörn quanto o de Bertil Egero quase nada agregam de novo à discussão proposta por Barnett. Somente Denis Altmann, valendo-se de uma perspectiva menos epidemiológica e mais antropológica, é que matiza o debate mais genérico sobre a globalização presente no livro ao sublinhar que a AIDS é ao mesmo tempo modelada pela dinâmica da globalização e um dos seus elementos constitutivos. Ele também aponta os impactos dela na criação de condições favoráveis à expansão do HIV. Contudo, lembra que essa mesma globalização criou condições para a formação de novas identidades sexuais, permitiu a ampliação do debate sobre as várias expressões da sexualidade e propiciou a inclusão destes dois temas na agenda pública em diferentes países.

Como a noção de globalização que orienta os capítulos do livro não suprime as especificidades regionais, faz sentido que boa parte dele seja composto por textos que analisam o desenvolvimento da epidemia em distintas realidades nacionais. Um deles é aquele escrito por Michael Blackwell sobre a expansão da AIDS na Romênia. Blackwell atribui o desenvolvimento da epidemia naquele país aos impactos das políticas natalistas estimuladas pela ditadura de Nicolau Ceausescu, às políticas econômicas fracassadas, à recu-